

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE AGOSTO DE 1910

N.º 277

Os acontecimentos de Macau

O governador geral e os
commandantes dos
navios de guerra que
tomaram parte nas
operações



Capitão de fragata José da Cunha
Lima
Commandante do cruzador
«D. Amélia»



Capitão-tenente Jorge Salazar
Moscoso
Commandante do «Vasco da Gama»



Capitão Eduardo Marques
Governador de Macau



Primeiro tenente Matta e Oliveira
Commandante da canhoneira «Macau»



Primeiro tenente José de Campos Ferreira Lima
Commandante da canhoneira «Patria»

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

Rainha no nome, Rainha na belleza!
A' gentileza da parisiense allia a graça da meridional e a languidez incomparavel, apanagio das raças de Santa Cruz, de que descende por sua mãe.

Pertence á primeira sociedade do Porto, e nas festas mais res-



Regina Pinto da Fonseca

plandcentes da *élite* portuense, é figura de destaque, é inconfundivel. E é tão saliente a sua figura que todos notam, ha tempos, que a esta estrella de primeira grandeza, alguma sombra empana, desaparecendo-lhe dos labios o encantador e meigo sorriso de outr'ora. Para achar a explicação d'estas imprevistas transformações nas mocidades radiantes, é preciso sondar, sondar até ao fundo do coração.

Scaphandro.

EM FÓCO

Conhece-o Lisboa, teve-o Coimbra, possui-o o Porto.

E' Luiz Baldaque, natural do Porto e, como attestam as suas linhas aristocraticas, possui em elevado grau, as distinctas qualidades que exornam o caracter dos sympathicos e leaes rapazes da nobre cidade e que, da sua *élite* fazem parte.

E' um bacharel formado, como toda a gente, mas não um banal, como toda a gente vulgar! A sua conversa deleita, o seu convívio encanta, o seu caracter é diamantino.

Começou a sua vida publica por administrador do concelho da Figueira da Foz e com tanta hombridade e distincção se houve no desempenho do seu cargo, que, em cada administrado, deixou um amigo.

Quem, como eu, o conheceu alegre e despreoccupado nos seus

tempos de Coimbra; quem o viu dando o tom nas praias do norte que assiduamente frequentava, muito extranhou, encontrando-o ha dias no Porto, vél-o triste e preoccupado! Arrisquei uma pergunta:



Dr. Luiz Baldaque Gufmarães

encontrei-o aspero! Mas... jurei a mim mesmo descobrir o porquê desta mudança... Que será?... E' impossivel que entre tantas das nossas tão gentis leitoras do norte, não haja alguma que me saiba descobrir este mysterio! Está aberto, portanto, o plebiscito.

Loscar.

Duas crenças relativas ao mez de julho

No dia 23, começaram os dias chamados caniculares, nome que parece derivado da circumstancia de entrar o sol em conjunção com Sirio, a mais brilhante estrella da constellação chamada *canis major*, o cão maior, que os antigos julgaram que influa no estado do tempo n'esse periodo, bem como nas molestias da quadra, sendo a causa dos excessivos calores; e por isso, quando a observavam emergente, para lhe appacar a raiva, os pagãos sacrificavam-lhe um cão de pello escuro. Ainda hoje muita gente tem a mania de não tomar medicamentos durante os caniculares: se estão sãos e os tomam por mera precaução, fazem bem differindo essas *sanguis em saude*, para não enfermarem deveras; se estão doentes, e por superstição não querem remedios, deixem-se peorar, já que é da sua vontade, que depois mais rendoso será o curativo.

O povo inglez tambem tem uma superstição especial n'este mez. Traz o seu calendario no dia 15 um santo para nós desconhecido, ainda que de Inglaterra nos veio a devoção para com alguns, como S. Jorge; chama-se S. Sevilhin, e é crença mui espalhada entre o povo miúdo da Grã-Bretanha que se chover n'esse dia, 15 de julho, continuará a chuva por espaço de quarenta dias; porque o santo que fóra ha mil annos bispo de Winchester, deixara por testamento que o enterrassem em chão descoberto, á chuva, mas intentando alguns devotos trasladar-lhe os ossos para dentro da igreja, cahiu uma chuva que durou quarenta dias com violencia, e impediu a piedosa tentativa; d'então para cá ficou esse costume entranhado na atmospheria britanica, se acontece chover no dia 15. E a crença dura, posto que a observação de alguns annos tenha provado o contrario.

Passeio da Real Associação Naval ao Alfeite



Membros do jury e grupo de concorrentes que tomaram parte na «gmykana» que se realisou na Quinta Real do Alfeite

1.º plano: D. Josephina David, D. Eva Figueiredo, Miss Ryder, D. Manuela Clington, José Duarte, D. Henriqueta Clington, D. Alice Ryder, Ernesto Ryder, D. Ada Ryder, D. Maria Carlota Serra, D. Maria Madeira, D. Ilda Faria.

2.º plano: Carlos Sá Pereira, Frederico Kohn, Jorge Bettencourt, Plácido Duro, João Lopes Figueiredo, Raul Nunes, Leonel Ryder, Roque Aguiar, Nuno Vasconcellos, Joaquim Costa, Alfredo Futscher Figueiredo, Francisco Duarte, José Serra, João Talone, Joaquim Victal, Luiz Serra, José Faria.

A quinze dias de vista . . .

Letras que não obrigam a protesto

A febre da aviação e as suas victimas. O caso da baroneza Delaroche. Não será um exemplo mas um incitamento. Feminismo convertido em machismo. As mulheres homens. Conversa com a leitora. Coisas que se dizem aqui para nós, que ninguém nos ouve. . . — Calor e tédio. O contra-torpedeiro Santa Catharina, nova unidade da marinha de guerra brasileira. — Combate entre portugueses e chinezes. Tudo acaba em bem. — A Companhia das Lezírias e os «salgados» de Villa Franca. Uma grande obra. — Um passeio da Real Associação Naval ao Alfeite.

Clément Vautel, o delicioso humorista do *Matin*, de Paris, concluía ha pouco uma das suas admiráveis chronicas sobre a aviação n'estes termos: «ninguém sabe para que virá a aviação; o que não sofre duvida é que, por enquanto, serve para partir a cabeça.»



Passeio da Real Associação Naval ao Alfeite
As srs. D. Ilda Faria, D. Henriqueta Clington, D. Manuela Clington e os srs. Joaquim Costa e João Figueiredo, preparando-se para a corrida de velocidade mixta

Na realidade, ha tempo a esta parte, não se passa um dia sem que as agencias telegraphicas communiquem ao mundo surpreendido um desastre soffrido por aeronauta. Uma das ultimas victimas da navegação aerea foi a baroneza Delaroche. Esta senhora tentava ganhar o premio das damas no concurso de Betheny, tripulando um aeroplano Voisin. Cahiu com o aparelho de uma altura de cincoenta metros, ficando, como se costuma dizer, n'um bolo. O fracasso d'esta senhora vem demonstrar que não sae sempre certa a maxima que Francisco de Valois canta no ultimo acto do *Rigoletto*: «la donna é mobile qual piuma al vento».

O lamentavel desastre soffrido pela desditosa baroneza poderia ao menos ter o merito de evitar mais atrevimentos por parte do sexo fraco. Mas não tem tal, verão. Pelo contrario: elle será um estímulo a novas audacias. Comquanto pouco tenaz no proposito, a mulher é mais atrevida que o homem. Que não fará ella para satisfazer um capricho? Alem d'isso abundam entre as damas as cabeças de vento, que por o serem se julgarão aptas como ninguem para a navegação aerea.

Por outro lado o feminismo, perdido o seu significado originario, vae-se convertendo em machismo. A mulher moderna renega das condições inherentes ao seu sexo e aspira, não só a egualar, mas a exceder os homens em todas as profissões, exercicios corporaes e direitos que eram, até ha pouco, privativos do portador de calças. Ha mulheres que correm á razão de 120 kilometros á hora, em automovel; mulheres que voam como a pobre Delaroche, doutoras, conselheiras de instrucção publica, oradoras de comicios, mulheres cocheiros, mulheres toureiras. . . eu sei lá que mais, meu Deus!

Ora diga-me, querida e amabilissima leitora, não é verdade que esta masculinidade na mulher é bastante ridicula? Já viu, minha senhora, espectáculo mais gro-



Passeio da Real Associação Naval ao Alfeite

Um aspecto da assistencia: os srs. João Vicente Lima Mayer, Luiz Ferreira, dr. Levy Marques da Costa, mademoiselle Braga, João Affonso, conselheiro Benjamin Cabral, mademoiselle Camara Leme, Alvaro da Fonseca e Adolpho Burnay

tesco que o d'uma mulher pedulando n'uma bicycleta? Ha talvez coisa mais desopilante que assistir a um comicio em que falem mulheres demagogas exigindo á multidão revolucionaria cabeças de tyrannos como exigem em casa aos pobres maridos chapéus do Mimoso!



Passeio da Real Associação Naval ao Alfeite

Um aspecto da corrida de velocidade mixta
(Clichs de A. C. Lima).

Não lhe repugna, minha querida senhora, a leitura d'esses livros de vulgarisação que agora inçam as livrarias e as revistas de novíssimo feitio, em que mulheres preconizam as vantagens do amor livre? Não lhe parece que até a propria morte, que tudo eno-

Visita da Sociedade de Sciencias Agronomicas aos salgados de Villa Franca



Corpos gerentes da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal

Da esquerda para a direita: — Joaquim d'Almeida, Romão dos Passos, Lima Alves, D. Luiz de Castro, presidente da direcção, Cincinnato da Costa, presidente da assembleia geral, Poças Leitão, Rodrigo de Almeida, Antonio Mendes de Almeida e Bernardo Fragateiro.

brece, tem um aspecto comico quando é occasionada por uma empreza como aquella em que se metteu madame Delaroché?

Na vida, cada ser tem fim proprio; o menor desvio importa forçosamente um desequilibrio que tem muito de ridiculo alem do que n'elle ha de funesto. Imagine-se o peixe pretendendo viver em secco, o passaro tentando viver como o peixe, a canaria esforçando-se por cantar como o canario, a gallinha competindo com o gallo . . . Salvo o devido respeito, as aspirações das damas lembram esses disparates . . .

E não vá a leitora julgar que estas minhas opiniões suppõem inferioridade por parte da mulher. Tanto vale ella como o homem; mas, por Deus, ha que fazer distincção. Eu não creio que o manejo do arado tenha mais merito que o manejo da agulha; mas a agulha nas mãos do homem estaria tão mal como o arado em mãos de mulher. Moldar a alma de uma creança, é esta a principal das missões femininas, não é mais facil que reger uma cadeira n'uma universidade, dirigir bem uma casa, promover que n'ella imperem os principios de economia, hygiene e moral; é labor tão arduo como comandar um regimento.

A mulher é inferior sempre que intente executar as funcções naturalmente destinadas ao homem, como é ridiculo o homem quando quer invadir a area das attribuições femininas. Guiando uma locomotiva ou um aeroplano, pronunciando um discurso revolucionario ou disparando uma espingarda, a mulher, salvas rarissimas excepções, será sempre inferior ao homem.

Quer isto dizer que eu pense que não se deve cuidar do desen-

volvimento physico e da cultura intellectual da mulher? Não, mil vezes não. A robustez do corpo em relação ao seu sexo é tão importante como a do varão. Mas a robustez e força da mulher devem ser muito diversas das do homem. Os exercicios varonis acabam por deformal-a, apoucam os seus encantos e prejudicam-lhe o organismo. Intellectualmente estamos no mesmo caso. Mas tudo em termos e com termos. No proprio e quasi exclusivo interesse das madamas o diremos.

Que lhes hei de eu dizer d'esta abrazadora e tediosa quinzena que findou? Que Lisboa foi o que ainda ha de ser durante dois mezes: um verdadeiro supplicio para o infeliz que tem de viver forçosamente aqui, soffrendo a tortura d'um calor intensissimo, o martyrio d'uma pasmaçeira que bestifica.

Em 19 chegou ao Tejo, procedente de Vigo, o contra-torpedeiro *Santa Catharina*, nova unidade da marinha de guerra brasileira. Este navio, que foi construido em Glasgow, é commandado pelo sr. capitão-tenente Francisco de Lemos Leça.

Após a visita official de cumprimentos, logo retribuida pelo distincto official commandante, foi permitida a entrada no navio a al-



Visita da Sociedade de Sciencias Agronomicas aos salgados de Villa Franca

Da esquerda para a direita: — Sousa Pereira, administrador local da Companhia das Lezirias, Cincinnato da Costa, membro da direcção, dr. Vicente Monteiro, presidente da direcção, Almeida Lima, membro do conselho fiscal.

gumas pessoas. O *Santa Catharina* é um barco de 650 toneladas, com machinas de força de oito mil cavallos que lhe imprimem o andamento de 25 milhas. A sua tripulação compõe-se de 75 homens e a artilharia, que consta de seis canhões de diversos calibres, foi adquirida em Falmouth. Tem serviço de radio-telegraphia.

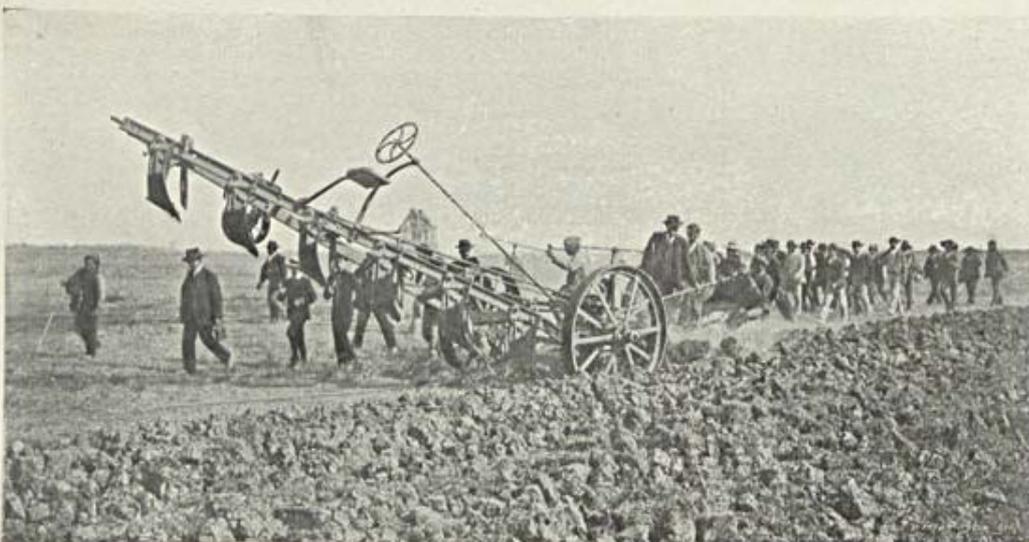
O *Santa Catharina* já partiu com destino ao Rio de Janeiro.

Um telegramma de Londres, 13, reportando-se a um outro de Macau, annunciou um combate entre portuguezes e chinezes piratas. O facto causou a principio justificado alarme. A breve trecho soube-se, porém, que o incidente não traria complicações com a China, que aliás se mostrou muito satisfeita com o procedimento dos portuguezes que castigaram a pirataria com nutrido fogo em terra e por bombardeamento realisado pelas canhoneiras *Macau* e *Patria*.

Infelizmente um portuguez succumbiu no combate. Em compensação a mortandade nos chinezes foi grande, tendo-se afundado dois juncos tripulados por numerosos piratas sob o fogo dos nossos navios.

O conflicto, que não teve outras consequencias, serviu para demonstrar mais uma vez a intrepidez e bravura do nosso soldado, que é o mais justificado orgulho d'esta pobre patria.

O ex-ministro das obras publicas, dr. Moreira Junior, querendo tomar conhecimento directo dos importantes melhoramentos que a Companhia das Lezirias do Tejo e Sado está realisando em Villa Franca nos chamados «Salgados da Leziria», para alli partiu ha dias, acompanhando os corpos gerentes



Visita da Sociedade de Sciencias Agronomicas aos salgados de Villa Franca
Charrua balança lavrando na leziria á profundidade de 0^m,25

da Sociedade das Sciencias Agronomicas de Portugal, de engenheiros e importantes lavradores.

As obras de melhoramento agricola realizadas, que são importantissimas, consistem na drenagem de terras e dessalgamento do solo demasiadamente chloretado e portanto refractario á cultura.

N'esses trabalhos, que começaram ha approximadamente tres annos e teem avançado rapidissimamente, a ponto de se considerarem aptos para cultura, actualmente, mais de mil e quinhentos hectares de terreno, teem sido empregadas possantes machinas de lavoura, de vapor, e drenagem. O arroteamento está em quatro mil hectares de superficie, tendo sido estabelecidos drenos naturaes á profundidade de 70 centimetros.

Esta obra arrojada, que sobremodo honra a iniciativa da Companhia das Lezirias, será completada por uma outra, já começada, que consiste em trazer aos terrenos salgados a agua do Sorraia que os adoçará.

Tanto o ex-ministro como os membros da Sociedade de Sciencias Agronomicas e os outros visitantes tiveram palavras do maximo louvor para os corpos gerentes da Companhia das Lezirias que nos admiraveis resultados da sua patriótica obra tem a melhor compensação do arrojo que ella representa n'um meio tão acanhado em que a iniciativa é considerada, em todos os campos, como rematada loucura.

Terminam os meus parcos apontamentos da quinzena com a nota do passeio realizado pela Real Associação Naval ao pittoresco, lindo sitio do Alfeite, que nos dizem ter sido a mais alegre e delicada diversão d'este verão horrivel.

O numero de passeantes foi grande e o elemento feminino fez-se representar largamente, dando uma nota de elegancia e alegria á diversão, com os seus naturaes encantos e com os artificiaes encantos da moda.

Houve de tudo: perola, riso, dança, *gymkana*, *flirt*...

Com um calor d'estes não se pode exigir mais...

CAMARA LIMA.



Visita da Sociedade de Sciencias Agronomicas aos salgados de Villa Franca

Abertura no terreno drenado, mostrando a sahida da agua pelo dreno feito com o «mole-plough»



Visita da Sociedade de Sciencias Agronomicas aos salgados de Villa Franca
Rolo crosshill puchado pelas machinas a vapor

qualidades nutritivas, o terceiro lugar entre todos os alimentos; o primeiro corresponde ás lentilhas, e ás ervilhas o segundo.

Como condimento, todos sabem qual a importancia das cebollas, quasi igual á do sal.

As sopas, os guisados e os mólhos mais agradaveis ao paladar são aquelles em que a cebolla entra.

Outra utilidade das cebollas, se bem que de menos importancia para a economia domestica, era já conhecida no seculo xv, segundo o demonstra um escriptor d'aquella epoca, Gracian de Alderete, quando diz que os *bons hortelãos, para tornarem mais formosas as rosas e as violetas, plantam junto d'essas plantas alhos e cebollas.*

Bem pôde assegurar-se que, se cada cebolla custasse dez tostões, toda a gente a apreciaria mais do que qualquer outro producto vegetal; como é muito mais barata, as suas virtudes passam despercebidas, e até ha quem a olhe com desprezo.

As propriedades da cebolla

Além de constituir um alimento são e excellente, a cebolla constitue uma medicina e um narcotico; deve ser considerada como um dos melhores productos da terra, e, sem duvida, seria mais apreciada por todas as classes de pessoas, se as suas virtudes fossem mais geralmente conhecidas.

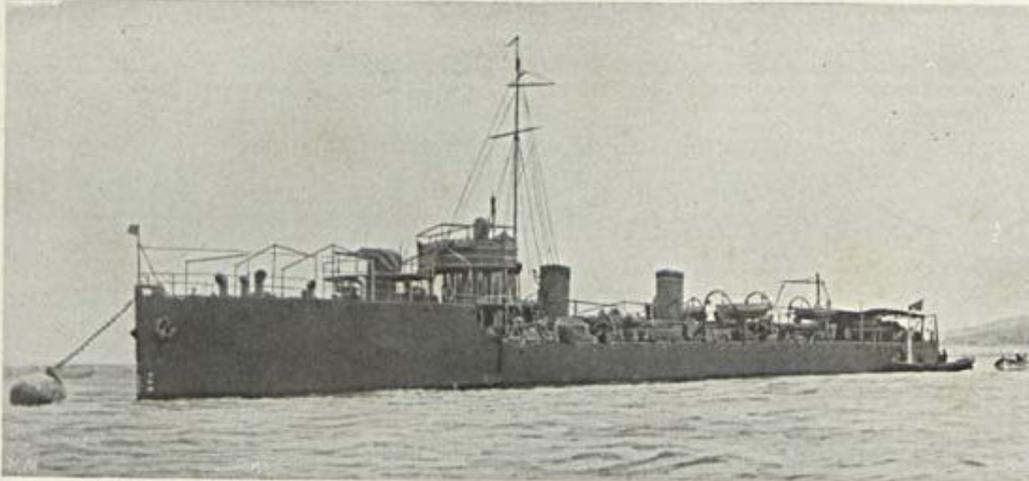
Para os que padecem insomnias, nada melhor do que comer todas as noites, antes do deitar, uma cebolla com sal e um pouco de pão. Por intenso e antigo que seja o mal, seguindo este simples processo curativo não tardará a desaparecer.

A cebolla occupa, por suas



Visita da Sociedade de Sciencias Agronomicas aos salgados de Villa Franca
Knifer australiano (cultivador Mac Laren), de 7 dentes, para lavouras fundas de sub-solo

Marinha de guerra brasileira



(Cliché de J. Beauillet).

Contra-torpedeiro «Santa Catharina»

O novo navio de guerra da marinha brasileira foi construído em Glasgow (Inglaterra). É um barco de 650 toneladas com machinas da força de 8:000 cavallos que lhe dão um andamento de 25 milhas. Tem 6 cachões, uma tripulação de 75 homens, e possui serviço de radio-telegraphia.

No harem

(Conclusão)

Abdurraman, indiferente á chorada narração do escravo, mandára-o mutilar, conservando-o no Azzhrat como seu guarda-pessoal, seduzido pela sua elevada estatura e possante corpulencia.

E Ayecha — n'uma noite em que a lua beijava os laranjeas em flor e na camara proxima um moiro tangia o arrabil — pensando em Niorat, despedia se da virgindade.

Niorat soube-o, adivinhou-o no seu olhar mais triste, nos seus labios descorados, n'uma lagrima fugidia que ella chorara, olhando os pannos de Raz e sonhando nos palmares distantes, nas danças em volta do lume crepitante, nas bodas de Araken; sentira-o porque a sua alma se lhe comprimira mais afflicta do que na noite em que chegara á praia e um mancebo de penas berrantes lhe annunciara o seu rapto.

N'essa noite odiou Abdurraman, o cruel sultão que o incompletara, e esteve a ponto de mergulhar-lhe no peito, por entre as sedas orientaes, um punhal envenenado, como usam os somalis. Mas de que servia?

Ayecha continuaria impura e elle incompleto, incapaz de gozar o seu

amor. E — quem sabe! — talvez a fizessem morrer! Se ao menos juntos, o poderoso Iverandec casal-os ia e no céu a boa estrella-morta apagar-se-ia.

Na noite da festa, Niorat soffreu mais do que nunca. Foi ao harem; o sultão revolviasse com ella na camilha sensual. E com a alma alanceada n'um abysmo de amargura, a amargura horrivel do ciume, chorou, contorceu-se, rojou-se pelo chão, ensanguentando as faces, rasgando as carnes.

— Ayecha, meu bem! — dizia n'uns gemidos mais tristes que os zunidos dos merúe dos palmares.

Na manhã immediata, quando Niorat do alto da alcaçova mirava com volúpia o vertice do Guadalquivir, profundo e fantizador, o soberano falou-lhe... pela primeira vez com carinho, olhando-o docemente:

— Niorat, melhor seria dizerem-te Mulin, o triste; Niorat, tu soffres.

— Poderoso Abdurraman; o teu olhar é perspicaz como o teu poder é grande e temido;

Grão kalifa, Niorat soffre. Elle ama os olhos mais bellos da Nubia, os cabellos mais voluptuosos, as carnes mais frescas, a bocca mais perfumada dos palmares da Etiopia. Niorat ama Ayecha!

— Eu sei!

E a voz do eunúco, triste e doce, chorosa e sincera, seduzia-o, enternecia-o. Nem as prophcias aterradoras do fakir, nem as contas estiolantes dos thesoureiros, só falando em maravedis e dirhens.

— Eu sei! — repetiu olhando as prêsas do rio. — Eu sei! — repetiu n'um tremor e n'uma lividez horriveis. — Eu sei!

Surgira-lhe no espirito o espectro do filho, a sua fina barba negra, o turbante branco, empunhando a adaga recurva, guiando um corcel fogoso e correndo por entre nuvens de poeira, aos almargens infieis, ao caminho da victoria.

— Abdallah me inspira! — pensou dolorosamente.

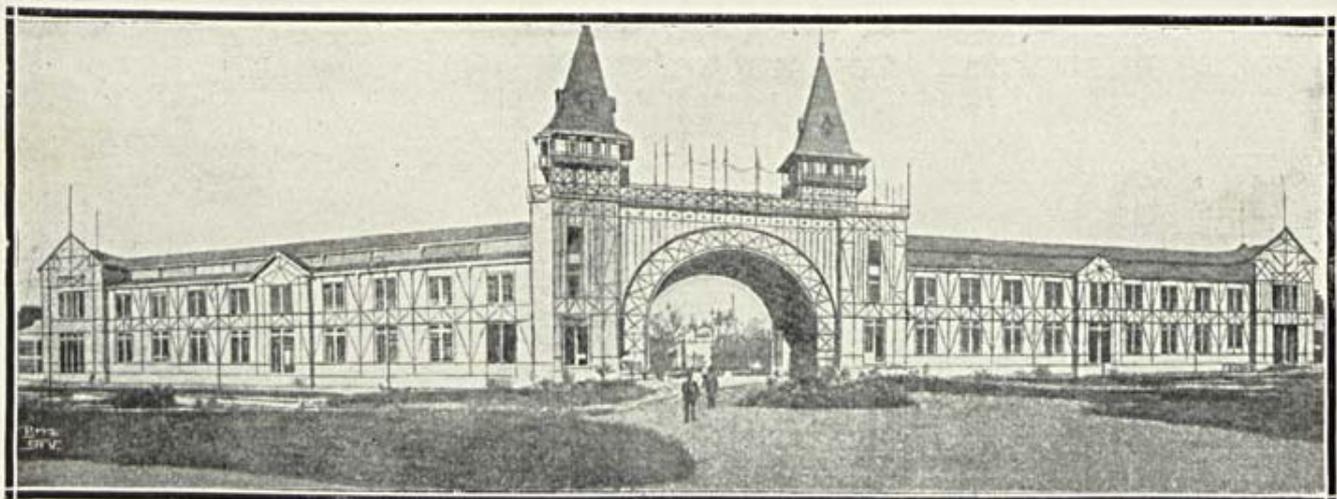
— Abdurraman, as tristezas d'um pobre eunúco que ama a mulher mais bella do teu harem, que dançou com Ayecha nas nupcias de Araken, as saudades pelos meus palmares não te devem interessar. Os waires te esperam talvez.

— Enganas-te. Interessa-me a tua tristeza, apiedou-me a tua confissão. Niorat, corre ao harem. Ayecha é tua.

— Abdurraman, que dizes? Ah! A tua alma é grande como o teu imperio. Inspirou-te o propheta. Eu esperava ainda em Iverandec e na minha boa estrella-morta. — E entrou correndo.

— Que a alma rija que condemnou Abdallah saiba felicitar um eunúco!

Exposição internacional de agricultura em Buenos Aires



Aspecto d'um dos pavilhões

A nossa gravura representa a fachada d'um dos pavilhões da secção agricola da exposição internacional de agricultura de Buenos Aires. Segundo informações dos jornaes argentinos a exposição abrirá dentro em pouco, devendo causar verdadeira sensação, porque em harmonia com o programma estabelecido, ha de admirar-se n'ella tudo quanto tem applicação na vida rural a par dos productos do paiz e dos de quasi todo o mundo. Os pavilhões para a exposição d'esses productos tornam-se notaveis pelo seu luxo e pelo bom gosto da sua architectura.

Quando entre gritos de jubilo, Niorat entrou no harem, a favorita do sultão estava só. Com o cabelo em flores, enfiava perolas n'um fio d'oiro, reclinada n'um coxim; na pira, ao centro, ardião os perfumes e subiam

Regata promovida pelo Real Club Naval na valla da Azambuja



Chegada á Azambuja ao vapor que conduziu o Senhor D. Affonso e a direcção do Real Club Naval

em espiraes azuladas; a um canto morechavam uns junquillos; pela janella ouvia-se o correr do rio sussurrante.

— Ayecha, minha bem amada Ayecha, Iverandec é por nós. O kalifa deixa que eu una a minha á tua bocca de cereja, que eu mergulhe os



Regata promovida pelo Real Club Naval na valla da Azambuja

O barco vencedor da 2.ª corrida (pic-nics) tripulado pelas meninas Gudreun e Mied Wilborg e timonado pelo sr. Rocha Leão

meus olhos embaciados das lagrimas nos teus profundos como o mar, que eu beije os teus cabelos como nas nupcias de Araken. E's minha, disse-o Abdurraman

— O poderoso idolo foi por nós, Niorat, bom Niorat!

— Ayecha! — e ia empuxá-la para si, tão deliciosa e atrahente ella estava, com duas rosas palidas nos cabelos e o corpo bello mal occulto pela cabaia de seda branca, atada pela cintura por uma faixa azul desmaiado, caindo em franjas sobre os sapatos doirados.

Mas repeliu-a logo, passando a mão pela testa em suor. Niorat fôra mutilado.

Lembrára-lhe a tarde em que Abdurraman, o mesmo que agora lhe entregava Ayecha já gozada, a um gesto cansado, fizêra cumprir a cruel ordem.

— Ayecha, Niorat não te pôde amar

Nisto, recuando sinistro, com os olhos em sangue, o gesto fe-roz, tirou da cinta um punhal.

Um raio de sol, coando-se pela janella, beijou a escrava e prateou a lamina envenenada

— Até ao céu d'Iverandec, Ayecha! — e vibrou uma punhalada no peito — Aye .. Ayecha! — articulou a custo, cambaleou e caiu inteiriçado.

A favorita no primeiro momento sentiu vergarem-lhe as pernas, e um grito estrangulou-se-lhe na garganta.

Pela janella coava-se um raio de sol, suave e indifferente; no

jardim um moiro de Meca tangia o arrabil, divertindo Abdurraman, que olhava distrahido o torvelinho do Guadalquivir.

Meio desfallecida, com os cabelos soltos, a faixa desenrolada, a escrava avançou, trocando as pernas, para o cadaver do eunúco; arrancou-lhe do peito o punhal ensanguentado e, sem lagrimas, os olhos num marasmo de louca, beijou-lhe a boca espumante e exclamou num tom d'ebriedade:

— Niorat, descansa, Ayecha vai morrer com o mesmo ferro que trespassou tuas carnes. Estranhas nupcias as nossas! Nem bolos de mel, nem lume, nem danças! Oh! As de Araken! — e caiu sobre o corpo do eunúco.

No jardim do moiro tangia o arrabil e o sultão olhava distrahido o torvelinho do Guadalquivir ..

Abril — 907.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.



Regata promovida pelo Real Club Naval na valla da Azambuja Assistindo ás regatas

O cancro e os judeus

Está sendo assumpto de interessantes discussões no estrangeiro o facto do cancro ser quasi desconhecido entre os judeus. Como quer que seja que muitas das enfermidades são contrahidas por intermedio dos alimentos que costumamos consumir, desde logo se pensou que as leis judaicas relativas aos animaes puros e impuros devem ter alguma influencia sobre o mencionado facto.

Muitos animaes cuja carne se considera actualmente prejudicial ao homem foram, desde a lei de Moysés, excluidos da alimentação dos judeus; entre elles se contam o porco, as aves carnivoras e os peixes desprovidos de escamas. Alguns d'estes animaes fazem parte dos nossos generos alimenticios, e talvez que deixando de os comer se lograsse evitar o cancro, ou, pelo menos, diminuir a esphera da sua terrivel acção destruidora.

Convem, não obstante, lembrar que, além das referidas leis que regem a alimentação animal, tem os judeus outros muitos preceitos acerca da hygiene externa do corpo.



Regata promovida pelo Real Club Naval na valla da Azambuja

O barco vencedor da 3.ª corrida (outriggers de 4 remos) tripulado pelos srs. Arthur Motta, José Stromp, Eugenio Pedroso, Jorge Ferro e Albano dos Santos, timoneiro

(Clichs de A. C. Lima).

Alter do Chão

Chamaram-lhe os romanos *Abelterium*, *Eltari* ou *Elteri* e foi, na antiguidade, uma das cidades importantes da península. Atribue-se a sua fundação aos celtas, mas ha tambem quem presume ser devida aos romanos, 204 annos antes de Christo.

O imperador Adriano mandou destruir Alter, no anno de 120 da era de Christo, como punição da resistencia que os seus habitantes opposeram ás legiões imperiaes.

Foi tornada a povoar a pouco e pouco, mas no tempo dos arabes, principiou de novo a decahir da prosperidade a que voltára nos ultimos tempos do imperio romano e durante o dominio gothico. Como os arabes preferiam os altos para edificarem as suas povoações, porque assim melhor podiam defender-se das continuas guerras, a cidade de *Elteri* viu-se quasi despoxada no principio da monarchia portugueza.

D. Affonso II em 1216 fez, dos restos mutilados e dispersos da grande cidade romana, as duas villas de Alter e de Pedroso e os reis que se seguiram cuidaram sempre do seu augmento, especialmente D. Affonso III, que acrescentou a população com gente de outras povoações.

D. Diniz igualmente attrahiu para Alter muita gente com grandes privilegios, fóros, isenções e liberdades que concedeu á villa.

Alter do Chão é situada em fertil e amena planície

junto á ribeira de Alter; é cercada de muralhas e teve um castello mandado construir em 1359 por D. Pedro I, do qual ainda restam vestigios de muralha.

Possuiu, como quasi todas as villas e coutos de Portugal, o respectivo pelourinho que era de granito toscó.

Foi este monumento, de bella architectura, segundo a tradição, destruido ha trinta annos, seguindo-se o mau exemplo de outras terras onde esses padões representavam a autonomia municipal, que, por sua vez, vae tambem desaparecendo devido á indiferença dos povos.

E' á obsequiosa intervenção do sr. Antonio Rijo, que devemos o poder inserir a gravura do pelourinho de Alter do Chão, pois que nos enviou um desenho conjectural, abonado por pessoas de idade allí residentes, que ainda o viram de pé, apresentando aos olhos dos curiosos de antiguidades os seus ornatos de não vulgar sumptuosidade.

Teve a villa de Alter do Chão os foraes seguintes: Em 1249, dado por D. Affonso III; em 1293, dado por D. Diniz, com todos os privilegios do de Santarem; este reformado em 1321 augmentando-lhe os privilegios para promover o engrandecimento da villa.

Foi este ultimo confirmado tambem pela rainha Santa Isabel, por seu filho D. Affonso (depois IV) e por D. Constança, mulher d'este.

Em 1 de junho de 1512 teve foral dado por D. Manuel.

SILVA LEAL.

Para matar os bichos de conta

A destruição dos bichos de conta consegue-se espalhando tiras de casca de pepino pelo solo, perto dos sitios d'onde se suppõe que elles saiam.

A influencia do vinho na digestão

Muita gente de trabalho rude e até grande numero de individuos illustrados julgam ter no vinho o principal elemento da manutención das forças physicas.

Ignoram que muitas dispepsias, sem metter em linha de conta as gastrites alcoolicas propriamente ditas, são aggravadas com o uso ordinario do vinho, que todos os medicos mandam supprimir ao tratarem d'alguma doença do estomago. Seria preciso travar lueta enorme, aliás ingrata, para convencer a quasi totalidade do nosso povo dos grandes prejuizos que para a saude derivam do uso immoderado do vinho e da sua acção sobre a digestão.

E' muito facil comprehender que o fim essencial da digestão estomacal é transformar em peptonas a carne ou as materias albuminoides, o que resulta da acção da pepsina e acido chlorhydrico sobre a materia digestiva.

E, assim, é facil conseguir com o auxilio de uma retorta (instrumento de laboratorio chimico) de vidro, uma digestão artificial. Basta juntar a uma quantidade de fibrina, que aqui faz o papel de carne, outra quantidade de pepsina e manter esta mistura n'um meio acidulado pelo acido chlorhydrico, á temperatura animal, 37° a 38° graus. Determinaremos assim quanto tempo é preciso para a fibrina se transformar em peptona.

Comparando esta digestão artificial com outras digestões feitas (tambem artificialmente) em diversas classes de vinho, observa-se que este, geralmente, actua muito desfavoravelmente na digestão.

Quanto mais ricos forem os vinhos em alcool, acidos e tanino (e este tambem é um acido, ainda que fraco) tanto mais prejudicam a funcção digestiva, retardando-a.

D'esta sorte não ha duvida em poder afirmar-se que os vinhos brancos, de pouco corpo, frouxos e doces, são menos prejudiciaes que os vinhos carrascudos — de muito corpo e côr.

O vinho palhete é, pois, o que mais convem aos bebedores, por ter acção menos pronunciada na digestão — levemente excitante.

O cremor de tartaro, ou o bi-tartrato de potassa, satura o acido chlorhydrico, formando o chloreto de potassa e deixando livre o acido tartrico que é muito mais irritante; o tanino forma com as albuminas a tamalbumina, que é um producto estavel e resistente á acção da pepsina.

E tudo isto sem attender á influencia prejudicial da materia córante natural do vinho.



Pelourinho de Alter do Chão

Assumptos religiosos



(Cliché de A. C. Lima).

Jesus Christo crucificado

(Quadro do pintor portuguez Pedro Alexandrino de Carvalho)

O Padre Esgalhado

O Padre Venancio Pereira, ao dar entrada no seminário com os seus dezoito annos feitos, trazia já da aldeia um pittoresco nome de guerra.

Chamavam-lhe o Padre Esgalhado, pela estranha configuração do seu corpo altissimo e secco, e porque, no dizer do boticario, «lembrava o tronco esguio de um alamo esgalhado».

Assim o baptisara n'uma tarde de caça, ao encontra-lo na serra, de



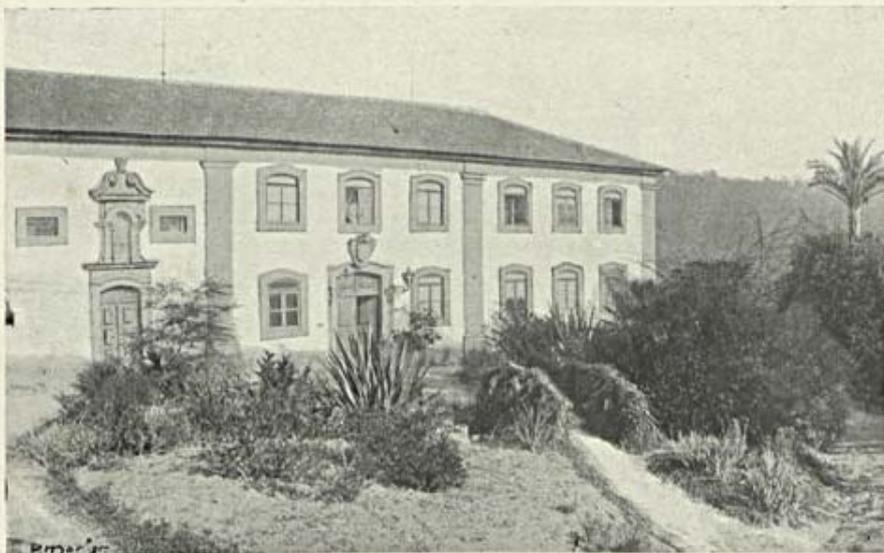
Conde de Beirós

cabelleira crescida, que dava ao magrissimo campones o aspecto de um tufo de folhas encimando um tronco miudo, sem ramos.

O barbeiro, ao saber que o pae do futuro levita decidira sequestra-lo á rabiça, esperou a barba do primeiro sabbado para lhe diagnosticar doutoralmente:

Eu não sei, Manuel, o que tu vaes fazer. Se tiras os ares do sitio ao rapaz dá em tísico. Elle bem dizem que parece uma arvore esgalhada ..

— Homem, deixa-o lá metter a barba no calix que elle tomará roda ...



O solar de Beirós. — Fachada principal

A amabilidade d'um nosso antigo assignante de S. Pedro do Sul, o sr. Justino Gaspar, devemos as photographias do solar de Beirós que publicamos no presente numero d'esta Revista.

O solar de Beirós, na pittoresca freguezia de Serrases, a menos de dois kilometros das afamadas e historicas Caldas de Lafões, antiga villa do Banho, hoje oficialmente christmada em *Thermas da Rainha D. Amelia*, entre S. Pedro do Sul e Vouzella, a quatro kilometros d'uma ou d'outra, é uma vivenda encantadora cercada de parques soberbos, de jardins, de pomares e de terrenos cultivados.

O seu proprietario o sr. conde de Beirós — Antonio Tristão Correia de Lacerda de Lemos e Alvim — cujo retrato tambem publicamos, um homem de fino gosto e de esmerada educação, tem sabido transformar o velho palacio, solar da familia Lacerda, dando-lhe o conforto, o luxo e a nota artistica propria de quem sabe apreciar o bello em todas as suas manifestações.

E não se illudiu o paternal vidente, ao prophetisar, d'esta sorte, com bonhomia e calculo, o futuro corporal do filho.

Após a conclusão do curso feito com exemplar regularidade scientifico-moral, foi-lhe dada a encomendação de uma succulenta parochia



O solar de Beirós

O portão de entrada na estrada do Banho

— das poucas que na diocese davam ao padre um viver desaffogado — onde o seu corpo de vegetal, alteiado no seminário pelas hortaliças do refeitório, começou logo a assumir redondezas, que em dois annos de bom alimento deram ao padre Esgalhado um perimetro de gigante.

Mais alguns annos de nutrição, e o padre Venancio tinha deitado fama na diocese pela sua fabulosa gordura e — justo é escreve-lo — pela moralidade do seu porte.

Finalmente «deitara roda». Mas uma ironia innocente conservou-lhe, *in perpetuum*, o appellido de Esgalhado.

Foi por esta alcunha que um collega, nosso amigo commum, m'o apresentou, quando eu fui admira-lo á freguezia, com o sincero interesse que desperta a visita a um monumento afamado.

Poucas palavras trocámos.

Emquanto elles passeiavam no passal, a discutir as consequencias das ultimas chuvas, forjei uma desculpa e fui curiosamente auscultar a alma da freguezia.

O rebanho adorava o seu pastor. E o pastor bem lh'o merecia, tantas eram as qualidades que os freguezes rectamente lhe attribuiam.

A propria gordura não os escandalisava, porque o bom do abbade, satisfizendo-se com o magnifico passal, lhes dispensava os benesses pastoraes. Ao contrario: viam-o medrar no enlevo religioso de um povoado japonês, contemplando diariamente o crescimento da arvore sagrada.

E com tanta exuberancia as plantas do abbade se pregaram no solo fertil do presbyterio, que estendera uma raiz a cada coração.

«O nosso abbade» — gabavam-se ingenuamente os pastores aos companheiros das outras freguezias — o nosso abbade deita sombra para acarrar um rebanho.»

E os petizes que, ao lobra lo, corriam descalços a trepar por elle, na gulodice espiritual de lhe beijar a mão, affirmavam ser mais grosso que o carvalho grande onde se escondera a avó com a familia, quando foi da vinda dos francezes.

N'estas ingenuas semelhanças, coroadas pela corpulencia do abbade, não havia porém, um laivo de troça. Apenas o caixeiro da mercearia, que aprendera o livre pensamento nas conferencias democraticas da capital, dizia, com evidente sarcasmo, que o esqueleto do abbade, preenchidos os intervallos com leivas de castanho, daria uma pipa capaz de armazenar os vinhos da região.

Para os restantes parochianos, a sua gordura magnifica attingia as proporções de uma gloria physica, na qual todos tinham a sua partilha.

Ninguém por tal o censurava. Antes o esti-

mavam e se admiravam de não haver ponta de frio ou de sol que penetrasse aquella espessura.

Nunca a doença se atrevera com a sua robustez, havendo até uma velhota sabia que lhe augurava tres centos de annos, convencida de que elle era uma resurreição biblica.

E era crença definida que embora o tempo lhe carcomesse as entra-



O solar de Beirós

O solar e suas dependencias

nhas, como ao carvalho grande do tempo dos francezes, o abbade se aguentaria, córado e seivoso, enquanto o dedo de um pé se lhe agarrasse ao solo uberrimo da freguezia.

Se na admiração pelo abbade pudessem admittir-se exaggeros fanaticos, tinha-os uma beata, já treslucada, que garantia, como sobrenatural, aquella gordura, predizendo uma época em que Deus provaria aos parochianos quanto eram indignos de ver caber e entrar pelas portas das suas moradas o vulto augmentado do seu ministro na terra. Viria tempo em que a casa franca da residencia lhe não bastaria para viver, e só a egreja, com a sua portada ampla e alta e o seu interior espaçoso, lhe seria abrigo sufficiente e digno.

Houvesse embora hyperbole na prophesia da treslucada creatura, era todavia certo que a corpulencia do abbade não permittia á sua inegavel caridade a entrada nas portas estreitas das suas mais pobres ovelhas, acontecendo, ainda ha pouco, n'um caso de Extrema-Unção, ser preciso trazer á rua o doente, para lhe ser ministado o sacramento.

Mas ninguem soffria de escandalo, porque jámais alguém fóra tão bom e tão puro como o padre Venancio Pereira. A gordura parecia haver lhe neutralizado o sexo, e, por isso, não existia na parochia lingua de ovelha que pudesse, com razão, accusa-lo de incontinente.

Esgalhado, em pontos de pureza, ganhara fóro de irreprehensivel. Creio até que se elle, ao tempo, fosse companheiro de Jesus e assistisse ao episodio da adúltera, o Mestre teria modificado a sentença: «quem não tiver culpa, atire-lhe a primeira pedra», porque, se o não fizesse, soffreria o desgosto de ver immediatamente a peccadora com um gallo na testa, pelo menos. O abbade, em materia de peccado grave, era impiedoso, e não deixaria de lhe arremessar um calhao.

Graças a estes sentimentos de intransigencia moral, alcançara o elogio de austero, e se a consagração popular lhe não outorgara ainda o esplendor de santo, não estava isento de o receber como recompensa posthuma.

E não era injusto galardão para tão escolhidas virtudes, pois que o padre Esgalhado vivia exemplarissimo, conhecendo-se-lhe apenas uma vaidade tenue, inoffensiva: a vaidade do seu admiravel physico, dando-lhe a convicção de que o rebanho gosava á sombra da sua corpulencia.

A tal ponto levava este senão, que nos serões de lua cheia, ao dar da meia noite, quando tudo já dormia com Deus, trepava ao campanario, e lá demorava horas e horas, embevecido, glorioso, a maravilhar-se com os effeitos da sua sombra derramando-se sobre o povoado...

Quando voltei ao passal, onde os meus dois collegas continuavam passeando, a discutir as ultimas aguas, não encontrei no padre Venancio as affabilidades do primeiro cumprimento.

Soubes, depois, pelo meu apresentante, que cahira no desagrado do abbade, ao ter conhecimento de que eu gastava tempo a pensar e a escrever para os periodicos.

Esgalhado que, modestamente, confessava uma unica virtude — a virtude de não pensar — affligia-o, porém, uma ligeira função mental ao lembrar-lhe a orientação de alguns padres, temerariamente distrahdos dos serviços lithurgicos na propaganda das obras sociaes, no jornalismo e na arte, na politica e no fóro, nas sciencias e nos inventos.

E tão alto erguia o exercicio desta virtude, que elle, subdito incondicional e obediensissimo dos superiores, esteve para cahir em tentação, quando Leão XIII publicou a encyclica *Rerum novarum*, e o bispo novo creou, no seminario, uma cadeira de sciencias naturaes.

Pois não seria verrumar violentamente a confiança do Creator ir ao encontro dos segredos da Creação? Deus que os escondera, é porque aproouve aos seus impenetraveis designios não os revelar.

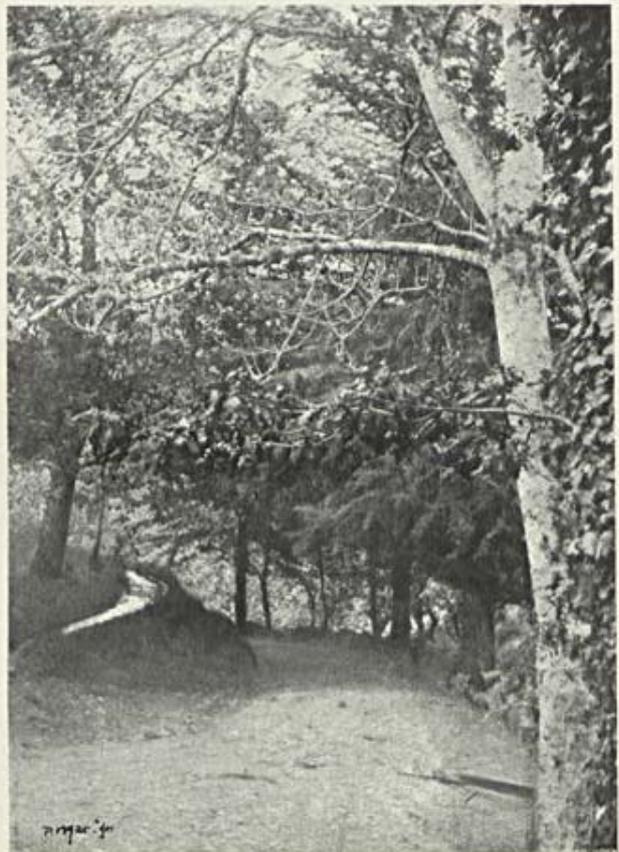
«Para que pensar? — objectava elle, quando lhe vinha a afflicção mental. — O homem que se dá a pensar é temerario como aquelle obreiro que se mettesse a cavar, sem medida, um poço pelo mundo abaixo, sujeito a encontrar de repente o fogo que mata.»

Para o Esgalhado, no fundo de todo o pensamento era facil encontrar-se a fálha do inferno.

«Pensamento é condemnamento!» — prégava elle a uns ordinandos da freguezia. — Vós, das *taes sciencias*, podeis saber mais, mas de latim e de moral, inda me não tiraes a direita.

E não tiravam.

O abbade Venancio era o lucido chavão para a clerezia da redondeza, quando nos jantares das festas alguém propunha casos theologicos para



O solar de Ecirós

Um trecho dos parques

resolver. Todos lhe respeitavam a decisão. E se ás vezes sobrevinha teimosa discussão entre dois collegas, oscillantes, na boa doutrina, como dois pratos de uma balança desacertada, bastava que elle pezasse com a mão sobre o hombro de um contendedor, para logo o outro subir leve e vazio de argumentos, calando-se vencido.

Ora acontecen que, para premio de valores tão raros, o padre Venancio Pereira leu, um dia, no *Diario do Governo*, um despacho que o provia definitivamente, mediante concurso documental, na egreja onde estava encomendado.

Foi um desmarcado enthusiasmo na povoação, repicando-se com tal alegria, que foi preciso mais tarde a junta de parochia encomendar uns sinos novos.

Padre Esgalhado exultou tambem. Todavia, apesar da sua proficiencia, desassocego-o a perspectiva de um exame de collação feito por

compendios novos». Mas o incommodo durou o instante que lembrou, renovando-se apenas no proprio dia do exame.

O interrogatorio era feito á porta fechada, sem testemunhas, além dos examinadores que exerciam o duplo officio de espias e de mestres. Porém, o padre Venancio, que tinha confiança com um intimo do Paço, conseguiu introduzir-se n'uma sala proxima para d'alli escutar o ponto que sahira e aproveitar alguma coisa que lá se dissesse.

Mas o abbade demorara-se no almoço. Quando chegou, o interrogatorio do primeiro candidato estava no fim e elle era o segundo.

Percebeu logo que se tratava de Eucharistia, e ouviu ainda a voz de um examinador propondo este caso:

— Ora diga-me mais uma coisa para concluir o seu exame: supponha o senhor prior que estando a celebrar missa lhe cahia, depois da consagração, um insecto no calix? O que fazia ao insecto?

O padre Venancio, lá da outra sala, aguçou as orelhas para ouvir a resolução.

— Se me não repugnasse tambem consumir o insecto, consumia-o — respondeu lá dentro o examinando. — Se não, tirava-o com a colherinha, enxugava-o no sanguineo, pegava-lhe com as pontas dos dedos para o queimar á luz da vela, e lançava a cinza no sumidouro.

— Muito bem — concluiu o examinador. — Estou satisfeito. Póde retirar-se.

Ouviu-se em seguida chamar o Padre Venancio, que sahiu do esconderijo e tomou por um corredor, dando entrada na sala ampla. A mesa dos exames, presidida pelo bispo, estremeceu com as passadas tremendas d'aquelle abbade gigante que avançava para ella, pesado e grosso, como se uma columna da sala de subito se desprendesse e ganhasse pés, caminhando para os examinadores.

Ao sentar-se os tinteiros balançaram na mesa, e todos os mestres, com o proprio bispo, levaram os dedos aos labios para torcerem na bocca uma risada.

Mas o padre Venancio mantinha-se já repousado e grave.

O interrogatorio pertencia agora a um moço conego, bacharel chegado ha pouco da universidade. Conhecia-se-lhe ainda o vinco do monoculo impresso nas olheiras da ultima noite, levando continua e distrahadamente os dedos ás commissuras dos labios, para frisar o ausente bigode rapado de fresco.

— Ora supponha o senhor abbade — principiou o moço conego, n'uma accentuação semi-brejeira — que um dia lhe entrava um burro na igreja e bebia a agua benta da pia? O que fazia ao burro?

Esgalhado não hesitou. Lembrado da solução que o primeiro candidato dera ao caso do insecto, respondeu firme:

— Se tivesse estomago para o comer, comia-o. Se não pegava-lhe com as pontas dos dedos, queimava-o á luz da vela e lançava a cinza no sumidouro...

Os concorrentes que passejavam cá fóra, nos claustros do paço, á espera de vez, ouviram um colossal estrondo de gargalhadas.

Que seria?! Que haveria?!

Minutos depois, um medico apressado entrava no paço, correndo logo que reventara, de riso, uma ruptura ao bispo.

Os exames foram adiados, voltando o padre Esgalhado para a freguezia, onde o prelado houve por bem colla-lo, com dispensa de exame, para evitar uma nova ruptura.

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

O verdadeiro fim da sciencia é distinguir o bem do mal.



Funchal. — *Tipos populares*

O casamento entre as especies animaes

Contrariamente ao que, em geral, se crê, existe entre os animaes o respeito dos laços matrimoniaes. A fidelidade conjugal, bem como algumas outras virtudes, não são monopolio dos homens. Os macacos anthropomorphos são monogamos em alto grau, podendo mesmo assegurar se que o são durante toda a sua vida. Os macacos de



Funchal. — Igreja de Nossa Senhora do Monte

Nossa Senhora do Monte é uma das freguezias do concelho do Funchal. Tem esplendidas quintas, magnificos hotéis e sitios d'um pittoresco encantador. E' muito visitada diariamente por estrangeiros e é a estação de verão das principaes familias do Funchal.

outras especies teem tambem essa qualidade, embora durante menos tempo, como succede com os lemuridas, cujo typo é o *maki*.

Os insectivoros, se bem que ás vezes andem em promiscuidade, nunca são polygamos. Os monotremos, como o ornitorhyneo e o equidno, e outros marsupiaes, são tambem monogamos.

Os labyrinthodontes e outros reptis ainda não attingiram este grau de perfeição moral.

Os homens primitivos foram, por certo, monogamos, mas as suas inclinações foram-n'os conduzindo para a polygamia, em larga escala existente n'alguns paizes.

Noventa por cento da população animal do mundo é monogama.

O carinho conjugal está mais desenvolvido nas aves que nos mammiferos, á excepção dos macacos anthropomorphos e do homem: mas os poucos que saem da regra geral excedem-se n'uma absoluta e licenciosa promiscuidade, como, por exemplo, acontece com algumas especies de lagartas.

As especies mais baixas, entre os mammiferos, são as dos roedores, os quaes realisam o ideal de certos reformistas do matrimonio, casando-se só durante uma estação e divorciando-se após ella. Esta epocha está ca-

racterizada em certas especies pela ausencia absoluta de amor paterno.

Os ralos, os coelhos, os esquilos, as doninhas e outros animaes d'este genero, matam os proprios filhos se os encontram nas respectivas lapas; pelo contrario, nos monogamos observa-se um periodo durante o qual as crias vivem sob tutela e cuidados dos paes. Como exemplo podem citar-se os grandes carnivoros: o tigre, o leão, o leopardo, o lobo e ainda a baleia, algumas focas, certos roedores e os macacos anthropomorphos.

E' curioso observar que os animaes selvagens possuem uma moralidade de costumes que as especies domesticadas perderam com o contagio do homem. O porco, no estado selvagem, é monogamo intransigente, e escolhe uma companheira cujas relações só a morte poderá interromper; o porco manso, muito pelo contrario, é supinamente dado á promiscuidade. O primeiro cuida amorosamente dos filhos; o segundo não se occupa com elles na minima coisa.

Semelhante differença se operou no cão, suppondo que elle seja, como parece certo, uma adaptação domestica do lobo.

Opina um auctor que o homem logrou domesticar seis ou sete animaes, precisamente para os converter em libertinos.

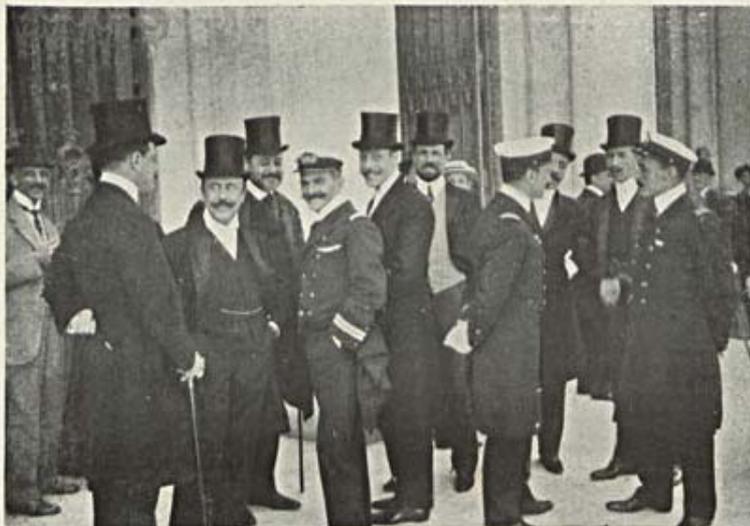


Funchal. — Fonte proxima da igreja de Nossa Senhora do Monte

Casamento elegante

Em 27 de julho realizou-se na Real Basílica da Estrela o casamento da senhora D. Laura Cardoso Diogo da Silva, gentil filha do sr. Luiz Diogo da Silva, digníssimo vice-governador do Banco Nacional Ultramarino, com o sr. conde de Monte Real, tendo servido de madrinhas da noiva, sua mãe a senhora D. Maria da Nazareth de Cardoso e Silva e sua tia a senhora D. Maria da Luz Martins Cardoso, representada por sua prima a senhora D. Elisa dos Reis Torgal, e de padrinhos do noivo, seu irmão sr. dr. José Dionysio de Mello e Faro e o sr. conde de Villas Boas.

A' cerimonia religiosa, celebrada pelo prior, rev. Domingos Nogueira que fez uma eloquente allocução aos noivos, exaltando-lhes as qualidades e lembrando-lhes os sagrados deveres matrimoniaes, assistiram, além



das pessoas de familia as senhoras: Marqueza do Lavradio, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Maria de Vasconcellos e Sousa d'Almeida (Lavradio), D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e filha D. Nathalia, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Maria da Nazareth de Cardoso e Silva, D. Palmyra Cardoso Diogo da

Silva, D. Amelia Porto de Mello e Faro, D. Leonor Pinho Leite Nogueira de Mello e Faro, etc., etc.

Perolas soltas

O teu coração, meu Bem,
Que em penhor me tinhas dado,
Ninguém m'ó levou, ninguém,
Nem perdido, nem roubado.
Misturei-o tanto ao meu
Que nem sei qual seja o teu.

Que força os póde afastar?
Quem separal-os pretende?
Tanto valêra quebrar
De uma vez o nó que os prende
Seria rasgar o meu,
E talvez, tambem, o teu.

Qual de nós soffrêra mais?
Ambos o mesmo, imagino.
Não nos desunam jamais;
Tal seja o nosso destino!
E o teu coração tão meu,
Que não haja meu nem teu.

Duello sensacional



No 1.º plano: Capitão Luiz Beltrão e dr. Francisco Gentil

No dia 28 do mez passado effectuou-se um duello à pistola, na quinta da Payã, do conde das Galveas, entre os srs. capitão de engenharia Luiz Beltrão, e tenente de cavallaria Solano d'Almeida.

Testemunhas no combate os srs. Martins de Lima e Augusto de Sousa Araujo, pelo offendido, sr. Luiz Beltrão — e pelo sr. Solano d'Almeida, os srs. Alvaro Cesar de Mendonça e D. José Manuel da Cunha Menezes.

Aos 3.ºs tiros, dados a 12 passos, o sr. Solano d'Almeida foi ferido na mão direita, de que perdeu dois dedos.

Interrumpido o duello por este motivo, os padrinhos resolveram que se esperasse pela opinião dos peritos e pelo restabelecimento do ferido para então se combinar um novo encontro, que só terminará quando um dos adversarios fór posto fóra de combate.

A fava

Desde que a fava entrou, como excellente elemento, na alimentação dos animaes domesticos, e principalmente do cavallo, e mais ainda desde que se reconheceu a grande faculdade fertilisante d'esta leguminosa, pôde bem dizer-se que ella se deslocou dos dominios da horticultura para tomar o logar a que tem jus entre as plantas de grande cultura, como o milho, o centeio, a aveia, a ervilha, etc.

Antes de tudo temos a considerar, sob o ponto de vista geral da utilidade d'esta cultura, que ella dá um magnifico afolhamento com o trigo, visto que, longe de cançar muito o terreno, vae fornecer-lhe adubo. E isto aconselharia a preferir-a ao milho nos terrenos muito argilosos e onde a cultura d'este cereal não fizesse sensivel falta.

Semeada na primavera e no outomno a fava pôde dar optimos productos em qualquer clima. No outomno prospera melhor nas regiões meridionaes, comquanto no norte se obtenham tambem boas produções, se o inverno não correr muito aspero e a apanhar já com certo desenvolvimento.

A fava gosta de terreno rico em phosphatos, argilo-calcareo, fresco mas não muito humido. As planícies são os terrenos mais propicios, especialmente para a de inverno. Absorve da atmosphera quasi tantos elementos de nutrição, quantos extrahê do terreno, e se, para a adubar, se ajunta ao estrume de curral um pouco de cinzas, fructifica melhor.

Para a fava de inverno prepara-se o terreno dando-lhe uma boa lavra, so-

bre a qual um mez depois se aduba regularmente e se soterra. Faz-se a sementeira de outubro a novembro.

Para a fava de primavera executa-se a mesma operação, deixando o terreno exposto todo o inverno ao gelo e aos influxos atmosfericos. Em fins de fevereiro dá-se ao terreno uma boa cava, dispondo o sólo para a sementeira, que se faz nos primeiros dias de março em linhas, que devem ficar á distancia de 70 centimetros para as favas de outomno e a 50 para as de primavera, guardando-se entre as plantas a distancia de 15 a 20 centimetros.

Plantando-se mais juntas desenvolvem-se muito na haste e pouco em rama. Tendo-se as sementes, durante 24 horas antes da sementeira, n'um banho de agua nitrada ou bagaço de azeite ou succo de estrume, desenvolve-se melhor, mesmo em terra pobre. Semeando-se para adubo verde, então faz-se a sementeira a lanço, mais espessa, (240 litros por hectare), offerecendo uma grande massa vegetal que adubará bem o terreno.

A sachá e monda devem operar-se antes da floração para não fazer cahir o pollen das flôres, o que obstaria á fecundação. Convem dar-se-lhe uma leve amontoa quando tiver atingido cerca de 15 centimetros d'altura.

É frequente que as pontas da planta appareçam invadidas de pulgão ou piolho (*Aphis*), que é preciso tirar, cortando-se com as unhas as pontas infestadas.

Se a haste se elevar demasiado, cortam-se tambem as pontas antes da floração — mas quer n'um quer n'outro caso não se deixam no campo, utilisam-se perfeitamente na alimentação dos bovidos. Essa desponta facilita a produção das flôres e dos rebentos na base da planta, e d'ahi resulta uma dupla vantagem: a de antecipar o producto e a de obstar á queda ou a cama da planta determinada pelo seu peso ou pelo vento.

A fava é muito nutriente, sobretudo no estado verde. As flôres são optimas para a criação das abelhas. No estado secco é que ella tem maior consumo para alimentação dos cavallos, mas convem notar que é errada a pratica d'aquelles que a fornecem como unico alimento, pois que, por bom que seja, não ha alimento completo.

Logo que se faz a colheita, debulha-se, limpa-se e secca-se perfeitamente antes de a metter no celleiro.



Duello sensacional. — Da direita para a esquerda: Tenente D. José Manuel da Cunha Menezes, capitão Alvaro de Mendonça, tenente Solano d'Almeida e o dr. Simões Alves

GLYCINIAS

por D. Luthgarda de Caires

Livro formoso pela edição artistica, formosissimo pelos versos que o constituem e que se não fossem já uma confirmação, seriam a admiravel revelação de um talento poetico feminino.

O sentimento lyrico que brota espontaneo, a impeccavel technica do verso, e por vezes a elevação dos assumptos, mostram que estamos em presença de um alto espirito de mulher, que o *Brasil-Portugal* se gloria de consagrar hoje nesta pagina.



Luthgarda de Caires

A lenda de Guimar

Não faças como Joãozinho
Que se esqueceu de Guimar,
N'aquella casinha branca,
Lá na beirinha do mar.

Nunca deixem de contar,
Entre as historias de fadas,
Esta lenda de Guimar,
— Que é para assim avisar
As donzellas namoradas. —

Em tempos que já lá vão,
Mais velhos que Saragoça,
Perdida por um João,
Vivia uma linda moça,
Que era uma rosa em botão!

Lá na beirinha do mar,
N'uma alegria tão franca,
Que era mesmo de encantar,
N'aquella casinha branca,
Feliz vivia Guimar.

Um dia, a pobre mocinha
Achou o João tão guapo,
Que fascinada, a tontinha,
Cahi na boca do sapo,
Como succede á doninha...

Passados tempos, então,
Esse ingrato seductor
Deixou-lhe a recordação
D'aquelle enlévo d'amôr,
Levando-lhe o coração.

Nasceu um filho a Guimar,
E com elle a doce esp'rança
Do Joãozinho voltar,
Por causa d'essa creança,
Nascida á beira do mar.

Mas Joãozinho, esquecido,
Não mais pensou em Guimar,
Nem n'esse filho querido,
Que ella embalava a chorar,
N'um enlevo enternecido!

Assim decorreu um anno,
E esse ingrato não voltava.
Carpindo o seu desengano,
Ainda Guimar chorava
Por quem lhe fez tanto damno!

Um dia o filho morreu,
E, n'aquella soledade,
Guimar olhando p'ra o céu,
Não resistiu á saudade,
Foi ter com o filho seu...

Mesmo á beirinha do mar,
Como uma flôr que se arranca
E se põe logo a murchar,
N'aquella casinha branca,
Morreu a pobre Guimar.

Luthgarda Guimarães de Caires.



Dr. Rodrigues dos Santos

Juiz do 2.º districto criminal de Lisboa

Pela sua attitude, vigorosa e inabalavel, nos ultimos julgamentos de delictos de imprensa realizados na Boa-Hora, o sr. conselheiro Rodrigues dos Santos tornou-se na magistratura portugueza uma figura de accentuado relevo e inconfundivel destaque. Levar a disciplina e a ordem ao tribunal, de onde ha muito andavam transviadas, não representa para os espiritos rectos senão o cumprimento de um dever. Mas para tão longe do dever vai caminhando em erradas direcções a sociedade portugueza que chega a ser necessario registar o nome de quem o sabe cumprir com independencia e hombridade.

A apostasia de um bispo

Tal é o título do novo livro de Eduardo de Noronha que acabamos de ler de um folego. Não é um romance historico, mas vive na historia do seculo XVI o heroe d'esta novella de capa e espada, meio phantasiada, meio assente nos traços biographicos que Ismael Gracias colligiu. D. Antonio José de Noronha, fidalgo authentico, frade e soldado, é a figura de destaque que atravessa as 430 paginas do livro, de braço dado com outra figura de grande relevo, Frei João.



Eduardo de Noronha

Aventuroso e aventureiro, o bispo era digno de figurar nos *Tres Mosqueteiros* ao lado do galante Aramis e do notabilissimo Athos.

A par de proezas e heroismos passam aos nossos olhos trechos rapidos da historia da India, nomes conhecidos como os do marquez de Duplex, conde de Ega e marquez de Pombal, desenhos felizes de personagens secundarios, tudo n'um estylo leve, gracioso, que prende a attenção.

Eduardo de Noronha, um trabalhador infatigavel, um estylista elegante e um investigador consciencioso, metteu hombros a uma empreza digna de elogio — trazer para a luz pouco a pouco, e um a um, os innumerables typos quasi apagados que poucos lobrigam nas paginas da nossa historia e das nossas chronicas, mas dando a cada uma d'essas encarnações a fórma de historias ou romances. O primeiro da série foi a *Apostasia*. O segundo, que apparecerá brevemente, será... E' nos defeso revelal-o. Parabens ao auctor pelo livro e pelo fim a que visa.

Japonezes e chinezes

É vulgar confundirem-se como a irmãos, a dentro da mesma raça, pelos seus caracteres exteriores, os chinezes com os filhos do Japão.

Independentemente de profundos estudos ethnographicos, que só modernamente se têm feito, os habitantes do Celeste Imperio e os povos do Paiz do Sol Nascente, apesar da grande, da pasmosa divergencia psychologica que a todos causa admiração, têm sido todos considerados como descendentes de um só tronco, e cobriam-se com este simples rotulo: — amarellas.

Agora começa a apparecer a razão de tal divergencia de mentalidade e caracter intimo.

De facto, os nippons e os chinezes não tiveram o mesmo berço.

Um japonês authentico acaba de formar um paralelo entre os dois povos asiaticos, para uso dos occidentaes. A serenidade de juizo resplandece n'este imitador de Plutarco, que aquilata as virtudes e os vicios com equanimidade cabal, só comparavel á que empregam na sua missão os secretarios perpetuos das corporações academicas.

E' um erro suppôr — diz Loo-Py — que os dois povos pertencem á mesma raça. A sciencia ethnographica tem demonstrado claramente que os chinezes são mongoes e os japonezes malayos. Estes correspondem-se e de bom grado com os europeus, para se darem as suas idéas, costumes e inventos.

Os chinezes, pelo contrario, orgulhosos da sua remota civilização, desconfiam dos occidentaes.

E' certo que para isso não faltam motivos justos, como o attestam innumerables acontecimentos que a historia regista. Só depois de muitas mostras de desconfiança acolhem os ensiuamentos da Europa. A força dos acontecimentos tem maior efficacia nas suas decisões que a madura reflexão.

Ao inverso, os japonezes transformam-se em europeus com juvenil enthusiasmo, como outr'ora intentaram converter-se em chinezes, sem se esquivarem sequer dos vicios que atormentam este povo.

A ausencia de iniciativa individual faz que os chinezes sejam inferiores aos japonezes.

Nas luctas da vida, os primeiros sabem, sem duvida, alcançar o desejado bem estar; mas conformam-se melhor com os preconceitos e com a rotina do que os outros. Falta-lhes audacia, e n'este defeito — opina o prudente Loo-Py — imitam Confucio como victimas passivas.

Carecem os mongoes de ambições superiores, como o provam os seus proverbios e os seus preceitos de moral corrente. As alternativas bruscas desagradam-lhes; não têm canticos guerreiros, e na celebração das artes da paz nenhum povo pode rivalisar com elles. Confucio tambem contribuiu para esse estado de calma, de collaboração com o opio.

A differença entre chinezes e japonezes resulta especialmente da organização da familia.

Na China, a nação inteira considera-se como formando uma unica familia.

Toda a moral mongolica deriva do respeito filial, e o governo chinês representa de certo modo um residuo paleontologico da antiquissima concepção patriarchal da sociedade, que se baseava na piedade filial.

Estabelecidas estas differenças primordiales, Loo-Py encarece a superioridade japoneza sob o ponto de vista social e nas suas relações com outros povos.

“Paraizo de Lisboa”

Um acontecimento a registar n'esta pacatez sorna da cidade — a reabertura do *Paraizo de Lisboa*, que é um verdadeiro paraizo nas noites quentes de verão que vão correndo. Todos os encalmados se queixavam da falta de um recinto aberto com musica, attractivos, sorvetes, agua cantando em piscinas, e frescuras de ramarias, como ha em Paris, em Berlim e como haverá na China e nos Amatongas. Pois ahi temos tudo isso e quasi de graça á rua da Palma, nos vastos jardins Folgosa, e á beirinha do velho Colyseu. Uma pessoa janta ahi pelo decahir da noite, accende um charuto, esportula nas mãos do novo *S. Pedro* do novo *Paraizo* um misero nickel de tostão, e por esta pequena quantia adquire os seguintes direitos: ver de perto lindos palminhos de caras encimando



Augusto Tavares

roupagens leves — sentar-se commodamente, ou passeiar — tomar uma carapinhada... pagando-a — isolar-se na sombra das arvores, ou pôr-se na evidencia da luz, de cuja evidencia *reporters* carinhosos mandarão nomes conspicuos para gazetas de especialidade *elegancias* — dar graciosos trambolhões no *skating* ou assistir a trambolhões de outros — viajar pelo plano inclinado em fôfas alcatifas a 10 réis por cabeça — ouvir musicas varias — ver de cadeira fitas nildas de um animatographo, projectadas no alvo muro do lago — gozar a vertigem da *water-chut* e precipitar-se na gondola estofada em pleno lago e entre cortinas de agua violentamente espadanadas — e absoluta liberdade de namoro.

Este ovo por um real offerece-o aos de bom gosto o actual empresario do *Paraizo*, o sr. Augusto Tavares, um rapaz activo e intelligente, e um trabalhador energico, que soube transformar o antigo recinto, melhorando-o e tornando-o accessivel a todas as bolsas. Aqui estampamos o seu retrato e com elle a promessa de preferirmos sempre o dito *Paraizo* á semsaboria das praias enluvdadas com casinhotos mal cheirosos.

Queixem-se depois os encalmados de que n'esta aldeia lisboeta não ha onde passar a noite, á fresca, entre um sorriso e um *cognac*.